



OPINIÃO

IA: a conta é das big techs e as oportunidades são de quem sabe investir

Anderson Arcenio (*)

A corrida pela inteligência artificial está sendo financiada por um grupo pequeno de empresas com capacidade para assumir riscos igualmente gigantes.

Um levantamento da Nikkei Asia aponta que Amazon, Alphabet, Microsoft, Meta e Oracle já acumulam US\$ 1,65 trilhão em compromissos financeiros ligados à expansão da IA. São contratos de data centers, chips, servidores e energia que sustentam a infraestrutura necessária para a nova geração de modelos de IA. O volume impressiona, mas a principal mensagem para as empresas brasileiras não é o tamanho da conta, e sim quem precisa pagá-la.

Existe uma discussão sobre chamar esses compromissos de dívida ou não. Ela é relevante para investidores, mas muda pouco para quem está do outro lado da mesa. O que esse número realmente revela é o apetite das big techs. Ninguém assume compromissos dessa magnitude sem acreditar que a oportunidade será ainda maior. A infraestrutura da IA está sendo construída em uma velocidade inédita e dificilmente será replicada por empresas brasileiras. Mas talvez essa seja justamente a maior vantagem. Durante muito tempo, inovar significava investir em muito, mas com a inteligência artificial essa lógica mudou. A pergunta deixa de ser quanto custa construir um grande modelo e passa a ser como transformar essa tecnologia construída por terceiros em resultado para o próprio negócio. O investimento pesado já está sendo feito, agora o desafio é capturar valor sobre essa base.

Na prática, isso acontece em três frentes. A primeira é criar novas receitas dentro de negócios que já existem. Produtos e serviços que antes eram economicamente inviáveis passam a fazer sentido porque a capacidade computacional já está disponível. É menos uma questão de inventar algo completamente novo e mais de revisitar projetos que ficaram na gaveta porque a conta não fechava. A segunda oportunidade é um mercado que nasce da própria adoção da inteligência artificial. Existe uma distância enorme entre o que os grandes modelos conseguem fazer e o que a maioria das empresas brasileiras efetivamente con-

segue colocar em produção. Reduzir essa distância, por meio de implementação, integração, governança ou desenvolvimento de aplicações específicas, já se tornou um negócio em si. A infraestrutura é das big techs, mas a geração de valor acontece na última etapa, quando a tecnologia resolve um problema real.

A terceira frente costuma ser a menos chamativa, mas frequentemente é a que gera retorno mais rápido, a produtividade. A inteligência artificial reduz o tempo entre uma ideia e um produto funcionando, acelera o desenvolvimento de software, automatiza tarefas repetitivas, melhora análises, apoia o atendimento ao cliente e libera equipes para atividades de maior valor agregado. Em muitos casos, o maior ganho não está em criar um novo negócio, mas em fazer melhor aquele que a empresa já possui.

Vale ressaltar que isso não significa que a infraestrutura deixou de importar. Significa apenas que, para a maioria das empresas brasileiras, ela deixou de ser o investimento prioritário. O risco passa a ser outro. O primeiro é criar provendência de um único provedor de IA, quando o ideal é construir arquiteturas flexíveis, capazes de trocar modelos conforme a necessidade do negócio. O segundo é perder o controle sobre os custos de uso. O preço por token caiu nos últimos anos, mas aplicações mais sofisticadas, como agentes de IA que planejam tarefas, consultam documentos e executam múltiplas etapas antes de entregar uma resposta, consomem muito mais recursos do que uma interação simples. O gasto que tende a crescer não é o da infraestrutura que a empresa deixou de comprar, mas o do consumo que ela não consegue administrar.

Os US\$ 1,65 trilhão comprometidos pelas big techs mostram quem está financiando a próxima infraestrutura digital do mundo. Para as empresas brasileiras, a oportunidade não está em disputar essa corrida, mas em utilizá-la de forma inteligente. A vantagem competitiva não será construída por quem investir mais em data centers, e sim por quem transformar essa capacidade disponível em novos produtos, novos negócios e mais eficiência.

(*) CEO da Next Squad, especializada na construção e evolução de soluções digitais para startups e empresas em diferentes estágios de crescimento (https://nextsquad.com.br/).

Vivaldo José Breternitz (*)

Esse é o tom de uma carta aberta divulgada na semana passada por mais de 100 organizações, incluindo OpenAI, Google, Microsoft e Anthropic.

O documento defende que grandes empresas de IA disponibilizem seus modelos mais avançados para uso de organizações como hospitais, fornecedores de energia e água e instituições financeiras, além de outros serviços críticos, de forma a que estes possam reforçar suas defesas. Também a infraestrutura que mantém a internet funcionando estaria em risco. Também pede que governos coordenem e financiem esforços de cibersegurança.

Entre os signatários estão também gigantes como Visa, Mastercard e a empresa de segurança CrowdStrike. O documento afirma que os ciberataques movidos por IA se tornarão mais frequentes e sofisticados à medida que os modelos ganham novas capacidades.

Nos últimos meses, incidentes envolvendo modelos de IA reforçaram a preocupação. A OpenAI admitiu que seus sistemas escaparam de um ambiente de testes e realizaram mais de 17 mil ações de ataque contra o repositório Hugging



4X-image_CANVA

Face. A Anthropic revelou que um de seus modelos conseguiu invadir sistemas de três organizações externas durante uma simulação. A Meta também relatou episódios semelhantes.

A inquietação chegou ao topo da indústria. Bill Gates declarou ao *New York Times* que enfrentar esses riscos deveria ser “a prioridade máxima do mundo”.

Para os signatários, colocar a IA a serviço da defesa pode corrigir “fragilidades acu-

muladas ao longo de anos”. O comunicado conclui com um apelo: “Se agirmos com decisão, podemos aproveitar esta janela de oportunidade para construir um mundo digital muito mais seguro”.

Esta deve ser uma preocupação de toda a sociedade, inclusive de nós, cidadãos comuns do Brasil.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

"Só um terço do trabalho será humano em 2030", diz o presidente do Google Brasil, e agora?

A frase correu rápido. Durante um evento de tecnologia realizado nesta semana, Fábio Coelho, presidente do Google Brasil, afirmou que "só um terço das tarefas de trabalho serão humanas em 2030". O impacto foi imediato e compreensível. Mas antes de entrar em pânico ou celebrar, vale ler a frase com mais cuidado.



ALVIA/ACOM

Coelho não disse que dois terços dos trabalhadores vão desaparecer. Ele falou em tarefas. E ele mesmo complementou: o avanço da IA "não elimina a necessidade de competências humanas", pelo contrário, "habilidades como pensamento criativo, liderança, resiliência e aprendizado contínuo aparecem ao lado de competências técnicas ligadas à tecnologia." A manchete assusta. O contexto, não tanto.

A virada que ninguém está discutindo

Se a IA vai absorver boa parte das tarefas operacionais e repetitivas, o que sobra para os humanos não é menos trabalho, é trabalho mais complexo, mais estratégico, mais difícil de delegar. O terço que permanece humano exige mais, não menos, capacidade de decisão.

Para Coelho, "os agentes são o próximo capítulo da IA", e ele os descreve como "IA com currículo". Num primeiro momento,

a tecnologia complementa as pessoas, dando "superpoderes" para que façam seu trabalho melhor. Mas isso pressupõe que as pessoas saibam o que fazer com esses superpoderes. É aí que mora o problema real das empresas: não a automação em si, mas a falta de preparo para dirigir o que a automação não consegue substituir.

O papel da TI nessa equação

Quando Coelho fala em "mudança estrutural na economia digital", ele está descrevendo exatamente o cenário que empresas de tecnologia já vivem na prática, e que organizações de todos os setores ainda estão tentando entender.

A transição não é sobre substituir pessoas por sistemas. É sobre construir a infraestrutura certa para que as pessoas certas

tomem as decisões certas. Nesse contexto, a tecnologia deixa de ser suporte e passa a ser alavanca estratégica, e quem entender isso primeiro sai na frente.

"A tecnologia evolui. Não adianta a gente se esconder atrás dela", disse Coelho. Fato. Mas também não adianta correr atrás dela sem saber para onde está indo. 2030 está mais perto do que parece. E a pergunta que cada empresa deveria estar respondendo agora não é "meu emprego vai existir?", mas "minha operação está preparada para usar bem o que a tecnologia vai liberar?" O futuro do trabalho não é menos humano. É mais exigente com o que há de humano em cada decisão.

(Fonte: Robson Cristovão, diretor comercial da Mouts TI).



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

De Sergipe para o mundo

Uma microempresa criada em Aracaju, Sergipe, sem escritório no exterior, investidores internacionais ou uma equipe dedicada à operação global, conseguiu alcançar pessoas em quatro continentes em apenas 90 dias. A SSTFLIX Business Ltda, fundada em setembro de 2020, registrou 19.390.667 visualizações no período com o perfil @sstflixai, operado integralmente por um agente de inteligência artificial desenvolvido para produzir, publicar e interagir com o público. O resultado coloca uma empresa do Nordeste brasileiro em uma disputa por atenção que normalmente é associada a grandes companhias de tecnologia (https://sstflix.com).

Resiliência das redes corporativas

A Ubiquiti anuncia a chegada ao Brasil da nova linha UniFi 5G. A solução combina redes WLAN (Wi-Fi) e WWAN (5G) em um

único ecossistema, adicionando uma camada inteligente de backup à infraestrutura existente e garantindo maior disponibilidade operacional mesmo em caso de falhas no link principal de internet. Os novos equipamentos já estão disponíveis para venda e podem ser adquiridos diretamente pelo site da Ubiquiti. A chegada da nova linha ocorre em um momento de forte evolução das redes corporativas. Segundo a IDC, o mercado global de WLAN cresceu 15,9% no primeiro trimestre de 2026, alcançando US\$ 2,7 bilhões, enquanto o Wi-Fi 7 já representa 44,5% da receita mundial de pontos de acesso corporativos, impulsionado pela demanda por aplicações baseadas em inteligência artificial, ambientes de alta densidade e projetos de modernização de infraestrutura de rede. Nesse cenário, a integração entre Wi-Fi 7 e conectividade 5G amplia a resiliência das redes corporativas, oferecendo uma camada adicional de disponibilidade para operações que exigem conectividade contínua e baixa latência (https://www.youtube.com/watch?v=0lcsD9xYOWE).

 José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editórias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes	ISSN 2595-8410	